

Este texto ajudará no entendimento de como surgiu a filosofia, destacando dois filósofos Pré-Socráticos. Vocês podem fazer uma pesquisa para conhecer quais foram os outros pensadores.

Pré-socráticos

Os primeiros filósofos gregos De acordo com a tradição histórica, a fase inaugural da filosofia grega é conhecida como período pré-socrático (isto é, anterior a Sócrates ou à sua filosofia). Assim, esse período abrange o conjunto das reflexões filosóficas desenvolvidas desde Tales de Mileto, no século VII a.c., até o século V a.c. Cabe ressaltar, porém, que alguns filósofos chamados “pré-socráticos” foram contemporâneos de Sócrates, sendo assim designados porque mantiveram o tipo de investigação de seus predecessores, centrado na natureza (como vimos no capítulo 6). Sócrates, por sua vez, inaugurou outro tipo de reflexão, voltado ao ser humano, dando início à tradição clássica da filosofia grega. É difícil conhecer o pensamento do período pré-socrático em toda a sua dimensão, pois são poucos os escritos encontrados de seus pensadores, e até mesmo suas datas de nascimento e morte são incertas.

A busca da arché

Dentre os objetivos desses primeiros filósofos, destaca-se a construção de uma cosmologia – explicação racional e sistemática das características do universo – que substituísse a antiga cosmogonia – explicação sobre a origem do universo baseada nos mitos (conforme estudamos no capítulo 6). Assim, com base na razão e não na mitologia, os primeiros filósofos gregos tentaram encontrar o princípio substancial ou substância primordial (a arché, em grego) existente em todos os seres, a “matéria-prima” de que são feitas todas as coisas (veja o trecho sobre a busca da arché no capítulo 6).

Pensadores de Mileto

Quando afirmamos que a filosofia nasceu na Grécia, devemos tornar essa afirmação mais precisa. Afinal, nunca houve na antiguidade um estado grego unificado. O que chamamos de Grécia nada mais era que o conjunto de muitas cidades-estados (pólis), independentes umas das outras e muitas vezes rivais (veja o mapa do mundo grego no século VI a.c.). Portanto, no vasto mundo grego, a filosofia teve como berço mais precisamente a cidade de Mileto, situada na Jônia, litoral ocidental da Ásia Menor (região hoje

pertencente ao território da turquia). Caracterizada por múltiplas influências culturais e por um rico comércio, Mileto abrigou os três primeiros pensadores da história ocidental a quem atribuímos a denominação filósofos. São eles: Tales, Anaximandro e Anaxímenes.

Tales: a água

Tales de Mileto (c. 623-546 a.c.) é tido como o pensador que deu início à indagação racional sobre o universo. Inspirando-se provavelmente em concepções egípcias, acrescidas de suas próprias observações de corpos hídricos – como rios e mares –, bem como da vida animal e vegetal, ele dizia: “tudo é água”.

Assim para Tales, a água – por permanecer basicamente a mesma em todas as transformações dos corpos, apesar de assumir diferentes estados (sólido, líquido e gasoso) – seria a *arché*, a substância primordial, a origem única de todas as coisas, presente em tudo o que existe. Como princípio vital, a água penetraria todos os seres, de tal maneira que tudo seria animado por ela. Isso quer dizer que tudo teria alma (isto é, *anima* ou *psyché*) e, ao mesmo tempo, tudo seria também divino (ou “cheio de deuses”), pois não haveria separação entre o sagrado e o mundano. O universo seria uno e homogêneo. Apesar da simplicidade da afirmação de Tales a respeito da água – e considerando que a água não representava para ele o mesmo que representa hoje para nós –, pela primeira vez tentava-se explicar a multiplicidade da realidade de maneira sintética e simples, empregando um elemento natural e concreto, visível para todos. Era também a primeira concepção monista da filosofia, pois considera que tudo o que existe pode ser reduzido a um princípio único ou realidade fundamental (veja o tema do monismo no capítulo 6). Muitas outras concepções monistas surgiriam depois.

Heráclito: fogo e devir

Em Éfeso, outra cidade jônica, desenvolveu-se um pensamento distinto e original. Isso se deveu a Heráclito (c. 535-475 a.c.), estudioso da natureza e preocupado com a *arché*. Assim como os pensadores de Mileto, Heráclito observava que a realidade é dinâmica e que a vida está em constante transformação. Mas, diferentemente dos milésios – que buscavam na mudança aquilo que permanece –, decidiu concentrar sua reflexão sobre o

que muda. Assim, o filósofo dizia que tudo flui, nada persiste nem permanece o mesmo. O ser não é mais que o vir a ser. “tu não podes descer duas vezes no mesmo rio, porque novas águas correm sobre ti” (citado em Souza, Pré-socráticos, p. XXXI).

Heráclito também observou, como seus predecessores, a atuação dos opostos na natureza (frio e calor, seco e úmido etc.), mas radicalizou essa observação, conferindo papel essencial ao conflito em sua cosmologia. Desenvolveu, assim, uma visão da realidade profundamente agonística (do grego agonistikós, “relativo a luta”), pois para ele o fluxo constante da vida seria impulsionado justamente pela luta de forças contrárias: a ordem e a desordem, o bem e o mal, o belo e o feio, a construção e a destruição, a justiça e a injustiça, o racional e o irracional, a alegria e a tristeza etc. Daí sua famosa afirmação de que “a luta (guerra) é a mãe, rainha e princípio de todas as coisas”. É pela luta das forças opostas que o mundo se modifica e evolui. Por essa razão, Heráclito imaginou que, se devia haver um elemento primordial da natureza, este teria que ser o fogo, governando o constante movimento dos seres com chamas vivas e eternas. em suas palavras:

Este mundo, que é o mesmo para todos, nenhum dos deuses ou dos homens o fez; mas foi sempre, é e será um fogo eternamente vivo, que se acende com medida e se apaga com medida (Citado em Souza, Pré-socráticos, p. XXVIII). a medida desse acender e apagar do fogo seria determinada pelo logos – o pensamento, a razão –, que para Heráclito era a razão criadora e unificadora das tensões opostas, a razão-discurso do filósofo: “É sábio escutar não a mim, mas a meu discurso” (citado em Souza, Pré- socráticos, p. XXX). Dessa forma ele resgatava a unidade, mas uma unidade descortinada pela mente atenta, desperta, em vigília. Pela importância que deu ao movimento, a escola heraclitiana de pensamento é chamada de mobilista. Apesar de não ter sido muito bem-visto entre seus contemporâneos e estudiosos posteriores, Heráclito é considerado um dos mais destacados filósofos pré-socráticos e o primeiro grande representante do pensamento dialético. teria inspirado filósofos como Hegel, Nietzsche e Heidegger, entre outros.

Pensadores de Eleia

As diversas cosmologias que acabamos de estudar despertaram, na época, uma nova questão. Por que tanta divergência? Por que tantas opiniões contrárias? Foi assim que surgiu na cidade de Eleia outra forma de reflexão

sobre a realidade, a qual se oporia tanto à preponderância fisicista dos pensadores de Mileto como ao mobilismo de Heráclito. trata-se da chamada escola eleática, da qual Parmênides foi o principal expoente.

Parmênides: o ser

Parmênides (c. 510-470 a.c.) entendia que o equívoco das pessoas e dos demais pensadores era conceder demasiada importância aos dados fornecidos pelos sentidos (recorde-se que, conforme vimos no capítulo 2, Descartes diria algo parecido mais de dois mil anos depois). Embora também percebesse pela via sensorial a mudança e o movimento no mundo, Parmênides achava contraditório buscar a essência (a arché) naquilo que não é essencial, buscar a permanência naquilo que não permanece (a mudança, o movimento), ou supor que aquilo que é permanente pudesse converter-se em algo impermanente. Assim, Parmênides optou por escutar o que lhe dizia a razão – e não os sentidos, que o faziam sentir a mudança – e proclamou que existe o ser e não é concebível sua não existência. Em suas palavras: “O ser é e o não ser não é”. Tentemos compreender melhor essa frase, aparentemente óbvia: • “o ser é” – a primeira oração expressa a ideia de que o ser (ou aquilo que é) é eternamente, pois o ser constitui, para ele, a substância permanentes das coisas. Portanto, o ser é de maneira imutável e imóvel, e é o único que existe. O ser é a arché de Parmênides, não identificada com nenhum elemento natural, sensível, mas, ao mesmo tempo, equivalente a toda corporeidade, com tudo o que existe, pois, o ser é uno, pleno, contínuo e absoluto; • “o não ser não é” – a segunda oração traz a ideia de que o não ser (a negação do ser) não é, não tem ser, substância, essência. Portanto é nada, não existe. Essa é uma conclusão lógica, pois, se o ser é tudo, o não ser só pode não existir. Para Parmênides, o não ser se identificaria com a mudança (o devir), pois mudar é justamente não ser mais aquilo que era, nem ser ainda algo que é. Em vista dessa formulação, Parmênides é considerado o primeiro filósofo a expor o princípio de identidade ($a = a$) e de não contradição (se $a = a$, é impossível, ao mesmo tempo e na mesma relação, $a = \text{não } a$), cuja argumentação seria depois mais bem desenvolvida por Aristóteles (veja a explicação desses princípios lógicos no capítulo 5). Em seu poema filosófico Sobre a natureza (nessa época, a maioria dos pensadores ainda escrevia sob a forma de poemas), Parmênides expôs que dois caminhos para a compreensão da realidade têm sido trilhados. O primeiro é o da verdade, da razão, da essência. O segundo é o da opinião,

da aparência enganosa, que ele considerava a via de Heráclito. Quando a realidade é pensada pelo caminho da aparência, tudo se confunde em movimento, pluralidade e devir. De acordo com Parmênides, essa via precisaria ser evitada para não termos de concluir que “o ser e o não ser são e não são a mesma coisa”, o que seria um contrassenso, uma formulação ilógica. Considera-se que foi a partir dessa discussão sobre os contrários, sobre o ser e o não ser, que se iniciaram as reflexões da lógica e da ontologia, quando esses dois campos de investigação filosófica ainda estavam intimamente relacionados.